

A proposta de Funaro...

por Paulo Sotero
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

Quanto a Funaro a impressão que ele transmitiu, disseram as fontes, estava longe da imagem do ministro assediado e às vésperas de perder o emprego, que elas têm captado pelos relatos da imprensa.

"Ele me pareceu estar em grande forma, senhor da situação, revelou um grande controle de números e detalhes e mostrou-se um diplomata, respondendo às perguntas de forma não-confrontacional mas também com firmeza e sem assumir compromissos", contou um participante do almoço com que o ministro foi homenageado no Council of Foreign Relations.

Funaro foi aplaudido ao final das duas reuniões. Uma pergunta que o ministro não teve de responder foi quando o Brasil retomará os pagamentos de juros da dívida. "Acho que isso ficou tão claro no meu discurso, que não houve a pergunta", explicou o ministro.

Aos jornalistas, ele afirmou que os pagamentos serão reiniciados quando os "banqueiros tiverem um entendimento da situação e um acordo de refinanciamento com o Brasil. Mas nós não vamos mais passar meses, como antes passamos, esperando respostas de comitês. Isso é inaceitável para uma nação como o Brasil".

Banqueiros presentes ao encontro do Council of the Americas disseram que deixaram, propositalmente, suas perguntas mais específicas para a reunião que o presidente do Banco Central, Francisco Gros, terá com o comitê de bancos, na sexta-feira. É óbvio, contudo, que algumas dessas perguntas já tenham sido feitas a Funaro no encontro com os "chairmen" de grandes bancos, ontem.

A um de seus questionadores, que usou a palavra "frustração" para descrever a reação da comunidade de negócios americana à moratória brasileira, Funaro disse que não havia razão para frustração porque "nós avisamos que isso poderia acontecer durante um ano e meio. Fizemos propostas ao comitê e não recebemos resposta". Funaro esclareceu, contudo, que a decisão da suspensão de pagamentos não foi tomada como tática de negociação ou desejo de confrontar, mas como uma necessidade.

A maior parte das per-

guntas a que o ministro respondeu ontem, especialmente no Council of the Americas, versou sobre as questões de investimento. Ele disse que o governo já recebeu e está estudando cerca de dez propostas diferentes de fazer operações de dívida em capital, mas enfatizou que o que interessa ao Brasil é "converter juros e capital", indicando que o governo está considerando a criação de programas especiais para a reaplicação desses capitais no País, em áreas que promovam a exportação.

Respondendo a uma pergunta sobre o clima de investimentos no País, o ministro afirmou que a melhor prova de que ele é estável "é que nossa lei sobre investimentos é a mesma há 25 anos". Usando de uma ênfase especial, segundo uma testemunha, Funaro afirmou que em parte a responsabilidade pela queda dos investimentos se deve "à imagem negativa do País criada pelas notícias publicadas pela imprensa internacional".

O ministro procurou satisfazer preocupações mais específicas da platéia, sobre, por exemplo, os zigzagues da política de preços no Brasil, declarando que o governo adotou uma estratégia de liberdade de preços.

"Há pouco tempo, o Conselho Interministerial de Preços estabelecia mais de cem preços. Hoje, fixa apenas oitenta", disse Funaro, acrescentando que o governo pretende manter preços sob controle apenas na área química e nos setores monopolizados ou oligopolizados da economia.

Indagado sobre por que uma corporação americana deveria investir no Brasil e não num dos países recentemente industrializados da Ásia, como Taiwan, o ministro respondeu, afirmando que o Brasil, em contraste com esses países, não é apenas uma plataforma onde se pode instalar a custos menores uma indústria voltada à exportação. "Nós oferecemos um grande mercado interno", afirmou.